

## Diga aí

*Cristiane de Freitas Cunha Grillo\**

A interrupção do trabalho no Janela da Escuta, no Brota e em outros cenários de exercício da psicanálise, foi um ato em direção ao distanciamento social, como forma de cuidado e de respeito à vida. Na época, tive medo da precocidade dessa medida, de um certo exagero, mas hoje vejo como um ato pela vida é particularmente importante no contexto brasileiro.

A necropolítica, aqui forjada desde o colonialismo, se exacerba na pandemia. Se o conceito de raça produz uma hierarquia das vidas que poderiam ser subjugadas, controladas, desapropriadas do passado, do presente, do corpo, dos laços, das obras intelectuais, da perspectiva de futuro, hoje vivemos uma certa universalização da condição negra (Mbembe, 2018).

O Brasil já tem um número de mortos COVID 19 maior que a China, com perspectiva de se tornar o país com mais mortes, e isso não toca a estrutura social e econômica. Recebo um SMS do Governo Federal no dia do trabalho, afirmando sua missão de salvar vidas e *empregos*. O presidente e seu séquito se aglomeram sem máscaras. Não há mais o véu da nomeação democracia racial. Nunca houve aqui um projeto coletivo que pensasse o compartilhamento de diferenças, em uma comunidade formada por singularidades.

O racismo, o machismo, a transfobia, a homofobia são hoje bandeiras expostas nas ruas, por pessoas sem máscaras. Há um horror manifesto à humanidade, à sexualidade, à arte, à vida.

Mesmo com a generalização da desvalorização da vida de cada um de nós, uma estratificação do valor da vida permanece. A quarentena aqui é um privilégio de raça e de classe. Uma jovem negra que vive em uma favela na zona sul sai de máscara e ouve o comentário de uma mulher branca: não vai me roubar não!

Para seguirmos como analistas cidadãos, promovendo esse lugar alfa, onde a queixa pode se transmutar em pergunta e essa tomar a forma de uma resposta (Miller, 2008), fundamos o coletivo Efeitos, vinculado ao Janela da Escuta, como oferta de atendimento gratuito e online para as pessoas que trabalham no campo da saúde no enfrentamento da pandemia. Miller (2008) se pergunta qual é a função do psicanalista em tempos de mal-estar e afirma que não é compartilhar o mal estar, mas reconhecer e elucidar a diversidade humana com seus sempre diversos modos de gozo.

As medidas de enfrentamento da pandemia impõe um *para todos*, que pode nos angustiar, mas também pode realçar as singularidades, como um pianista que transporta seu piano para o telhado, onde toca todas as noites. Pinturas, poemas, diários de quarentena, invadem nossas redes sociais. Talvez, como nos orienta Bassols (2020), o distanciamento social possa ser um tempo de proximidade subjetiva. Em seu diário, Preciado (2020) nos fala do encontro cotidiano com seus pais, dos quais já se havia distanciado. O pai, que nunca disse que o amava, manda inesperadamente, um beijo para seu rosto na tela. Preciado termina o texto cogitando uma impossível dedicatória dos seus livros para seus pais. A impossibilidade que nos marca por sermos sexuados e falantes. Para essa impossibilidade encarnada nos corpos falantes, podemos dizer, mesmo que em um aparelho: diga aí. Em um Brasil onde diante dos mortos, o presidente diz: e daí?

\*Cristiane de Freitas Cunha Grillo - Psicoanalista miembro de la EBP/AMP, Profesora Titular de la Facultad de Medicina de la Universidad Federal de Minas Gerais

#### BIBLIOGRAFIA:

Bassols, M. Indeterminación y incerteza, 2020. Disponível em: <<http://miquelbassols.blogspot.com/2020/03/indeterminacion-y-certeza.html>>.

Mbembe, A. Crítica da Razão Negra. São Paulo: n-1, 2018, 320 p.

Miller JA. Rumo ao pipol 4. Correio da EBP. Rev Esc Bras Psicanálise. 2008;60:7-14.

Preciado, P. La imposible dedicatoria, 2020. Disponível em: <<https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/607650ac-1a60-4ac8-a1d9-d2f9a2730ff6/la-imposible-dedicatoria?fbclid=IwAR1Ycvn-RjHlymIZTvdgSQqiQFXqrJYg8RqLJRHIeMobA1CP9IbV1OkFBm4>>.